



---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação

---

Cinema na Praça: sociabilidade e modificações das relações de usos em praças na cidade de Salvador-Ba

---

SILVA, Alzilene Ferreira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

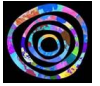
lenesferreira@yahoo.com.br

---

### Resumo

São nos lugares da cidade, moldados a partir do uso cotidiano que a vida se efetiva, como produto das relações sociais, da acumulação histórica e da tecedura realizada no presente. A praça é vista como exemplo dessa relação. Comumente definida como o lugar do encontro e da sociabilidade. Historicamente é palco onde ocorrem às feiras, as encenações, festividades e às manifestações culturais, sociais, políticas, cívicas, esportivas, religiosas da cidade. O trabalho tem por objetivo a análise de espaço de sociabilidades tendo a praça da cidade de Salvador–Ba – Praça Tomé de Sousa, como palcos dessa investigação, observando como os lugares são construídos a partir das práticas sociais e estas, por sua vez, são também moldadas pelos lugares. Na Praça ocorrem diversos eventos culturais como apresentação de capoeiras, shows, apresentação de Recital de violão, Orquestras sinfônicas, Teatro e exibição de filmes semanalmente. A exibição de filmes na praça, bem como as demais atividades citadas, podem ser tomadas como exemplos de retomada das funções essenciais - viabilizar o encontro entre as pessoas. Essa articulação pode ser percebida através do “Projeto Cinema na Praça” - que ocorre desde a década de 1990. A pesquisa consiste em investigar as alterações no uso das praças no que se refere às sociabilidades engendradas; percebendo com isso, que elementos simbólicos influenciam na sua composição, como as práticas sociais modelam os lugares e sofrem também a influência destes.

Palavras-chave: Cidade; Praça; Cinema.





## 1. A Praça na Cidade

Cotidianamente os cidadãos desenham os lugares, a partir dos usos e apropriações que se efetivam através das relações sociais. São nesses lugares que guardam as experiências de vida, que, portanto, dotados de afetividade, – ruas, avenidas, bairros, praças - que a vida se efetiva como resultado da urdidura do passado e do presente, do novo e velho que se entrecruzam, se imbricam.

Nesse sentido, a cidade é por excelência tecida a partir da soma dos tempos acumulados, que imprimem nos lugares suas marcas e significados; ao serem revistos, reelaborados ganham nova apresentação, mas que guardam seu bojo as sementes de outrora.

Seguindo as trilhas dessas elaborações pode-se perceber que as transformações promovidas na cidade ocorrem de modo dinâmico, mas com os resquícios dos fios tecidos pelas distintas temporalidades.

Pensar sobre a cidade traz a tona uma diversidade de significados, pois o tema é pujante e reverbera uma constelação de associações pertinentes as diferentes áreas do conhecimento.

Os elementos tangíveis percebidos na cidade – prédios, monumentos, ruas, avenidas, viadutos, parques, praças - são erigidos e transformados a partir dos construtos socioculturais peculiares a cada sociedade. Ora, são esses elementos por excelências os grandes responsáveis pela paisagem observada, impregnada de símbolos e de memória. Nesse particular torna-se crucial salientar que “seja nas mutações espontâneas, seja nas ditadas pelo poder, há sempre um conteúdo simbólico imbricado na formação dos espaços urbanos” (Lima, 2000:23)

As teias que vão se tecendo no decorrer da história, pelas diferentes sociedades, materializa nova fisionomia na cidade de acordo com o modo de vida, de pensar, sentir e consumir específicos a cada época. No jogo dessas elaborações, fica patente a compreensão de que a metamorfose impressa no espaço também engendra mudanças nos hábitos e valores dos cidadãos. Assim, delineia-se uma relação de reciprocidade entre espaço modificado e hábitos sociais vigentes.

No rastro dessas considerações é profícuo sublinhar que o desenho da cidade registra muito mais que sua construção material. A cidade diz mais que sua aparência, revela arte, beleza, significado, medos, sonhos, símbolos, memória e afetividade.

Cada morador ou visitante tem uma impressão acerca da cidade. O olhar lançado sobre a mesma paisagem, desperta reflexão diferenciada. De fato, a observação, o modo de perceber a cidade constitui-se de subjetividade; possui uma singularidade. Basta lembrar, que cada pessoa registra uma percepção diferenciada do que observam na cidade e a interpreta de acordo com seus construtos sócio-culturais.

Contemplar cidades pode ser especialmente agradável, por mais vulgar que o panorama possa ser. [...] A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu ao meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas. (Lynch, 1996:11)

Assim, semelhante à leitura de um livro, a cidade pode ser entendida dissemelhante por cada observador. Ao interpretar um texto, cada leitor possui uma compreensão particular, ancorada na sua estrutura intelectual, nos seus conhecimentos de mundo. De modo parecido, a cidade é lida e relida de modo peculiar pelos observadores.



Corroborando com essas angulações Lynch, (1996:11) afirma que, “todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e sua imagem está impregnada de memórias e significações”. Seguindo, ainda, a trilha dessas elaborações, Lynch (1996: 12) expõe que, nossa percepção referente a cidade, na sua maior parte, não é concebida na íntegra, se efetiva de modo parcial e fragmentário e se envolve em outras referências.

Dotada de símbolo e significação, a praça, se destaca como exemplo dessa relação que se efetiva entre as pessoas e a cidade. Presente no imaginário dos moradores ganha força como espaço que primordialmente aglutina pessoas e onde ocorrem as diversas manifestações culturais, cívicas, militares, política, religiosas e esportivas.

“Desde os tempos remotos, a praça sempre foi o microcosmo da vida urbana, oferecendo à população das cidades possibilidade de lazer e de convivência. Um espaço de aberto, envolvido por edificações contíguas ou afastadas, onde acontecem o comércio, os espetáculos, as manifestações públicas, políticas e religiosas.” (Lima, 2000:98)

Elemento rico da/na cidade, “[...] sempre foi celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos” (Robba e Macedo, 2003: 15). Não importa a denominação, seja a praça, a *piazza*, a *place*, a *square*, as plazas possuem significado comum.

No Brasil, a origem da praça encontra-se fulcradas na cidade colonial. Sua gênese remete a capela, donde redundava a formação das primeiras vilas ou arraial.

Em torno do templo, erigiam-se os casarios, as edificações administrativas e comerciais da colônia. Cumpre salientar, que era também a partir das igrejas, nos espaços abertos e livres em frente ou em torno do templo religioso, que se formavam os primeiros espaços públicos, denominado de adros.

A formação desses espaços livres e públicos viabilizou a reunião de distintas atividades - onde ocorriam os encontros entre os moradores, às reuniões e festividades religiosas. Quanto a esse aspecto, Robba e Macedo (2003: 22) em seu livro “Praças Brasileiras”, apresentam as funções que são efetivas das praças no Período Colonial: praça de mercado, praças no portal da cidade, praça como centro da cidade, adros de igrejas e praça agrupadas. No Brasil Colônia encontra-se uma singularidade, todas essas funções ocorreram na mesma praça. Assim, concomitantemente as atividades sagradas ocorriam às festividades consideradas profanas, o comércio e as manifestações civis e militares.

Em vista disso, a praça destaca-se como palco onde, por excelência, ocorria a integração dos distintos grupos da sociedade, as manifestações e explicitações de um modo de vida, costumes e hábitos peculiares a uma época.

No Brasil República, essa realidade muda profundamente, a influência cultural dos países europeus, sobretudo da França e Inglaterra, passa a reger os valores e hábitos da população. Além disso, o país nesse período, passa por mudanças úberes, uma nova ordem social, econômica e política é engendrada. Era patente a necessidade de desvincular-se da realidade colonial, para isso um novo projeto foi forjado para tornar as cidades republicanas – semelhantes às européias.

A dominação cultural européia, aliada à necessidade de a nação afirmar-se e ganhar credibilidade com exportadora de produtos agrícolas para a Europa, colaborou para a transformação da paisagem das cidades, sempre a imagem e semelhança dos centros europeus. (Robba e Macedo, 2003: 27)

Os séculos XIX e XX são cruciais essas transformações. É comum nesse período às reformas urbanas para modernizar a cidade, com forte apelo à salubridade e embelezamento da cidade.



Em nome da modernidade, das campanhas sanitaristas em voga, ruas são alargadas, casarões antigos são demolidos para darem lugar às novas avenidas e ruas arborizadas. A população mais pobre, que residiam nas áreas centrais da cidade, são expulsas para a periferia.

Nesse contexto sócio-histórico, com o advento das novas estruturas urbanas e do modo de vida moderno, surge no cenário citadino um novo tipo de praça: a ajardinada.

A chegada da praça ajardinada responde aos imperativos vigentes – lugar higiênico e bonito, passa a receber tratamento paisagístico bem a moda europeia. Além disso, a praça ajardinada consiste um marco na cidade, pois inaugura um novo modo de relação com o espaço público – para ser freqüentada era primordial que os moradores fossem bem vestidos. Normas de comportamento foram instituídas. As pessoas passam a freqüentar os espaços públicos para serem vistas e para observar. A praça passa ser o lugar do desfile social da elite que exibia seus trajes finos, jóias e luxuosos acessórios.

O quadro emoldurado explicita uma série de práticas inauditas, novas manifestações lúdicas e culturais ancoram-se em outra realidade. A praça destina-se ao lazer, convivência e contemplação de uma pequena parcela da população que possuía recurso para acompanhar as normas estabelecidas. Deste modo, a praça ajardinada pouco se assemelha com a antiga praça do Brasil Colônia, onde comumente os diferentes seguimentos sociais freqüentavam o mesmo lugar.

O mercado foi transferido para edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares de poder perdem força no Brasil republicano [...] Assim, a praça-jardim deixa de ser – como eram, no período colonial, o largo, o terreiro e o adro da igreja – palco da vida mundana e religiosa, civil e militar da cidade. (Robba e Macedo, 2003: 28-29).

É possível apreender dessa metamorfose, que a construção e o uso dos espaços públicos, passam a ser ditado por essa nova realidade. Nesse sentido, a lógica republicana, voltada para copiar os valores e modos de vida europeus, assinala uma nova dinâmica e altera profundamente o modo como a população se relaciona com as praças, engendra-se uma nova ambiência e sociabilidade.

Esse ponto é significativo para a análise, pois permite perceber que os construtos sócio-culturais e alterações no espaço encontram-se profundamente imbricados. A relação de mudança é recíproca, pois a medida que novos hábitos são forjados modifica-se o espaço e, este, por sua vez, alterado promove transformações no modo com as pessoas se relaciona com o lugar.

O crescimento urbano vertiginoso e as transformações econômica, culturais e sociais da segunda metade do século XX, assinalam uma nova etapa, no Brasil. Os adventos dos avanços tecnológicos no país, empreendem novas e significativas mudanças urbanas. O surgimento do automóvel, telefone, energia elétrica, a modernização dos meios de transportes, faz romper com os padrões vigentes de urbanização.

As reformas urbanas abrem avenidas e ruas largas, prédios antigos são demolidos. As ruas precisavam permitir a circulação dos carros – símbolo da modernidade. Os espaços públicos destinados à convivência da população tornam-se mais escassos, pois são ocupados pelas novas vias destinadas aos automóveis e por novas edificações. Assim, pode-se perceber, nesse particular, que “destruir e reconstruir têm sido a marca da modernização, e muitas construções que constituíram marcos do espaço público foram demolidos ou substituídos, modificando a imagem da Cidade” (Lima, 2000: 19)

Nas cidades modernas, sinônimas de limpeza, populosa, veloz e bela, os espaços livres tornam-se a opção de lazer mais requerida pela população. Assiste-se nesse período o crescimento da implantação de parques públicos e praças ajardinadas. Assim, o crescimento dos equipamentos urbanos institui novas sociabilidades que trazem em seu bojo o processo modernizador que a engendrou.



## 2. Praça Tomé de Sousa em Salvador

Localizada no Centro Histórico da cidade do São Salvador, capital do Estado da Bahia-Brasil, a Praça Tomé de Sousa possui valor simbólico para os soteropolitanos, [...] “pois foi a primeira praça de Salvador, onde o primeiro governador-geral e do Brasil-Colônia, em 1549, reuniu todos os prédios públicos” (Emtursa: 2004).

Pode-se observar da praça a Baía de Todos os Santos, o tradicional Mercado Modelo, o Forte de São Marcelo, os prédios da cidade baixa e a Praça Cayru.

A Praça Tomé de Sousa foi o primeiro espaço criado com a finalidade de concentrar os prédios da administração pública, construídos no século XVI com paredes de taipas cobertas de palhas pelo mestre de pedraria Luís Dias. 'A Casa de Câmara e Cadeia ficou localizada no lado leste, de frente para o mar. No lado sul, foi construído o Palácio do Governador, e no lado norte, a Alfândega e os armazéns'

[...] Atualmente, a Praça Municipal é composta do Palácio Rio Branco, antigo Palácio do Governo, e Câmara dos Vereadores, antes, Casa de Câmara e Cadeia e Paço Municipal, tendo à frente o Elevador Lacerda (1873). O chão, onde antes foram erguidos a Alfândega e os armazéns da colônia portuguesa, mais tarde, também serviu de base para o prédio da Biblioteca Pública e da Imprensa Oficial, demolido na década de 70. No lugar, bem mais tarde, foi construído, em 1986, o Palácio Municipal, conhecido como sede da prefeitura de Salvador. (Emtursa: 2004).

A praça ao longo dos anos recebeu varias denominações de acordo com as funções que desempenho em um dado momento ou para homenagear algum personagem da história. Dórea (1999: 72), em seu livro “Os nomes das ruas contam histórias” abordando sobre a temática, discorre sobre os múltiplos nomes que a praça já recebeu. Dessa forma, foi chamada de Praça da Feira, Praça da Parada, Praça do Palácio, Praça da Constituição, Praça do Conselho, Praça Rio Branco, Praça da Aclamação, Praça da Assembléia e Praça Ramos Queiroz. Passa-se chamar oficialmente Tomé de Sousa em 1949, em comemoração do quadricentenário da cidade. Ainda assim, a população de modo geral a conhece como Praça Municipal.

É nessa praça de notável valor histórico e simbólico que vez ocorrendo o ‘Projeto Cinema na Praça’, por esse motivo, sobretudo pelo seu significado que tornou-se foco desse trabalho, pois mantém uma agenda semanal de apresentação de filmes o que a torna freqüentada nessa ocasião. Nesse sentido, essa prática vem promovendo alteração na relação do usuário com a praça e nova sociabilidade.

Além disso, é ilustrativo a esse respeito, o leque de atividades artísticas, que ocorrem na Tomé de Sousa - expressões artísticas peculiares ao modo de ser da cidade, que geram sociabilidade e promovem o conhecimento acerca da cultura local.

O projeto Cinema na Praça é uma iniciativa da Fundação Gregório de Matos, que visa proporcionar aos soteropolitanos o acesso a sétima arte e estimular o gosto pelo cinema. Além disso, o projeto “tem o objetivo de democratizar o acesso da população ao cinema.” (Jornal da Mídia: 2007)

Desde a década de 1990 que o projeto encontra-se em atividade e realiza exhibções de filmes semanalmente, sempre na quarta-feira.

O Cinema na Praça é um projeto consolidado. Cada exhibção, feita ao ar livre, reúne uma média de público de 130 a 140 pessoas. “O projeto foi criado em 1990 pela FGM, com o aval do Ministério da Educação e Cultura (Minc), ficou parado por dois anos, mas foi reativado em 98 com a inclusão de projeções nos bairros de Salvador – Sete de Abril, Arenoso, Saramandaia, Valéria, Plataforma, Pirajá, Castelo Branco e outros - sempre às sextas-feiras, no mesmo horário do centro da cidade”, conta o coordenador- geral do “Cinema na Praça”, Bernardo Loureiro. (Emtursa: 2004).



A praça era comumente ocupada por carros, ou seja, servia de estacionamento. Ao se referir sobre a invasão de carros na praça Daniel J. Mellado Paz (2004, p. 01) afirma que é “[...] impossível apreender o espaço e o entorno, e o cidadão fruir da praça matriz da cidade. Um rasgo institucionalizado do pensamento rodoviarista assumido como normal em uma cidade que não reflete o destino que dá à sua praça fundacional.”

Apesar disso, por causa da sua localização, pelos prédios que estão em seu entorno, em especial o Elevador Lacerda – que liga a cidade alta a cidade baixa, ponto turístico e cartão postal de Salvador - e pela vista privilegiada que o observador tem da Baía de Todos os Santos, a praça é diariamente visitada, seja por turistas ou pelos moradores.

No ano de 2005 foi proibido o estacionamento de carros na Tomé de Sousa, o que promoveu uma alteração da rotina e relação com o lugar. Nesse particular, convém destacar a reportagem do Jornal Correio da Bahia (2005), que corrobora com essa determinação:

“A interdição do tráfego no Pelourinho e a proibição de automóveis na Praça Municipal, iniciadas na última sexta-feira, alteraram a rotina de quem estava acostumado a utilizar as áreas como estacionamento. Ontem, motoristas desavisados sobre as modificações tiveram dificuldades para encontrar locais onde fosse permitida a parada de veículos.”

Alguns projetos culturais, que ocorrem eventualmente na praça, como a realização de shows, Orquestra Sinfônica, concerto de Violão, roda de capoeira, apresentação teatral, samba de roda, danças e recitais dão a praça uma nova fisionomia, pois as atividades culturais atraem as pessoas, que passam a freqüentar o lugar.

“Com a presença do presidente Lula e do ministro da Cultura Gilberto Gil, será aberto quarta-feira, 12 de julho [...] a II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (CIAD), que trará ao Brasil Nelson Mandela, Desmond Tutu e Frederick de Klerk, três ganhadores do Nobel da Paz, o secretário será dada a largada para a maratona de eventos da Ciad Cultural, mostra de cultura da II Conferência dos Intelectuais Africanos e da Diáspora.

Durante cinco dias (de 11.07 a 15.07), no Teatro Vila Velha e em palcos e espaços armados no Terreiro de Jesus, Praça Tomé de Souza (Municipal) e Praça da Sé vão acontecer shows, exposições, apresentação de filmes, samba-de-roda, capoeira e mais um punhado de atividades culturais ligadas à cultura afro-brasileira.” (Emiliano José: 2006)

Outro exemplo disso ocorre durante as festividades de comemoração do aniversário da cidade, a Prefeitura Municipal em 2006, promoveu uma programação especial na cidade e a praça vem sendo lugar primordial para realização de uma série de eventos que privilegiam a arte e cultura local, “[...] entre os destaques da programação municipal para o aniversário da cidade estão a realização de três festivais temáticos na Praça Thomé de Souza (repente e poesia; street dance e break dance; e fanfarras e bandas)” (Emtursa: 2006). As apresentações atraem um público diversificado para praça, incluindo moradores e turistas.

Em 2007 a cidade do São Salvador, completou no dia 29 de março, 458 anos de fundação, em comemoração foi lançada a “Agenda Viva Salvador 458 anos” e a Praça Tomé de Sousa tornou-se palco efetivo dessa festa.

A programação artística do aniversário da cidade inclui ainda a realização, na Praça Thomé de Souza, de um Festival de Música, reunindo ao longo do mês diversas bandas emergentes e consagradas de Salvador.





Haverá também uma edição especial do projeto Cinema na Praça, o lançamento da agenda anual do projeto Mestres Populares da Cultura. (Fundação Gregório De Mattos: 2007)

É possível perceber dessa metamorfose, que a praça ganha mais vida e torna-se mais freqüentada pelas pessoas, que não apenas passam, sobretudo permanecem no local. Atualmente os carros que antes ocupavam a praça aparecem em número bastante reduzido. Assim, a praça ganha destaque e torna-se palco efetivo para a realização de atividades que visam preservar a cultura local - apresenta uma constelação de riqueza que traz em seu bojo forte elemento simbólico, de um modo de vida que marca indubitavelmente o espaço.

O Projeto Cinema na praça, por sua vez, por ser uma atividade que ocorre de modo contínuo, possibilita a freqüência de um público que já acostumado com o dia e horário da exibição de filmes procuram a praça. Evidentemente, que não trata-se de um público fixo, mas o fato de ser semanal permite que as pessoas planejem sua ida a praça.

A pesquisa ainda em andamento, permite expor de modo ainda incipiente algumas considerações. As exibições de filmes na praça podem ser apontadas como uma atividade que promove a concentração de pessoas. Observa-se nesse particular, mudanças dos uso da praça a partir das exibições de filmes e também devido à apresentação de eventos culturais.

A exibição de filmes na Tomé de Sousa pode contribuir para que permaneçam ativas as funções primordiais da praça que é proporcionar o encontro entre as pessoas e congregar diversas finalidades, gerando sociabilidades entre as pessoas que apreciam o cinema como uma opção de lazer e conhecimento.

Ora, as diversas práticas culturais que se efetivam na praça, representam diferentes modos de apropriação do espaço. A série de eventos marca uma forte presença, do que se comumente, é chamado de cultura afro-brasileira.

A praça apontadas nesse estudo possui importância ímpar na vida da/ na cidade, com suas peculiaridades e significados consiste em lugar que congrega pessoas, mantendo suas funções sócio-culturais. Pois a praça “é a de mesclar pessoas e diversificar atividades” (Sennett, 1988: 26) Lembrando, portanto, que são os usos que fazem as praças permanecerem ativas.

### **Referências Bibliográficas:**

CORREIO DA BAHIA. Não há vagas: motoristas têm dificuldades para estacionar os veículos com a interdição do Pelourinho e da Praça Municipal. Salvador, 12 de jul. 2005. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>, [Data de acesso: 13 de setembro de 2007].

DOREA, Luiz Eduardo (1999), Os nomes das ruas contam histórias. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador

EMILIANO, José. Bahia e presidente Lula recebem a África. Salvador, 10 de jul de 2006. Disponível em: <http://www.emilianojose.com.br/index.php>, [Data de acesso: 16 de julho de 2007].

EMTURSA. Viva Salvador! Cidade comemora 457 anos com uma grande homenagem ao samba de roda. Salvador, 08 de mar. 2006. Disponível em: <http://www.emtursa.ba.gov.br>, [Data de acesso: 15 de setembro de 2007].

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. A programação artística do aniversário da cidade inclui ainda a realização, na Praça Thomé de Souza, de um Festival de Música. Salvador, 02 de mar. 2007. Disponível em: [http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/noticias-modelo.php?cod\\_noticia=104](http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/noticias-modelo.php?cod_noticia=104), [Data de acesso: 16 de Abril de 2007].





JORNAL DA MÍDIA. Cinema na Praça exhibe Diários de Motocicleta. Salvador, 12 de nov. 2005. Disponível em: <http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2005/09/12/> [Data de acesso: 06 de Abril de 2006].

LIMA, Evelyn Furquim Werneck (2000), "Arquitetura do Espetáculo: teatro e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia." Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

LYNCH, Kevin (1997), "A Imagem da Cidade". São Paulo: Martins Fontes.

PAZ, Daniel J. Mellado (2004), Notas sobre a polêmica da Prefeitura de Salvador. Vitruvius -Minha cidade, Salvador, nº 116.

ROBBA, Fabio e MACEDO, Silvio Soares (2003), "Praças brasileiras". 2 edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

SENNETT, Richard (1988), "O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade." São Paulo: Companhia das Letras.